



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CARLOS ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

**O uso de pesos e medidas em uma economia de
Antigo Regime.**

Brasília, Dezembro de 2015

CARLOS ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

O uso de pesos e medidas em uma economia de Antigo Regime.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade de
Brasília, como pré-requisito para a
obtenção do título de
licenciado/bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Luís Gil

Brasília, Dezembro de 2015.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Carlos Antonio Pereira de Carvalho

O uso de pesos e medidas em uma economia de Antigo Regime

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília, como pré-requisito para a obtenção do título de licenciado/bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Tiago Luís Gil

Banca Examinadora

Prof. Dr. Tiago Luís Gil

Prof. Dr. Luis Paulo Ferreira Noguez

Prof. Dr Fábio Pesavento

Brasília, Dezembro de 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha família pelo apoio que me deram desde o primeiro dia em que ingressei na Universidade. Com toda certeza, sem este apoio, a caminhada poderia ser mais longa ou mesmo não existir.

Devo eternos agradecimentos ao meu pai, minha mãe, minha irmã e meu cunhado, pois sempre me apoiaram e acompanharam de perto toda a minha trajetória. Outra pessoa que não posso deixar de agradecer é a minha namorada; foi ela quem esteve comigo nas noites de estudos, leituras de textos, e produções de trabalho; sempre me apoiou e estava junto a mim em tudo que precisei.

Em especial, devo grande agradecimento ao meu orientador e amigo, Tiago Gil. Desde o meu primeiro semestre de ingresso na Universidade, ele me acolheu e me mostrou um universo de conhecimento que eu poderia explorar. Sempre estava me orientando e prezando por novas oportunidades e direcionamentos dentro do meu âmbito acadêmico. Obrigado pelos puxões de orelha, pela paciência, pela sabedoria, pelo profissionalismo e, principalmente, por toda amizade e cumplicidade.

Agradeço também a todos os meus amigos, que estiveram comigo e me apoiaram a todo o momento. Quero agradecer também ao meu amigo Leonardo, e a toda equipe pertencente ao Atlas digital da América Lusa. Com certeza, todos vocês contribuíram positivamente para minha formação.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender como se dava a interação entre o comércio e uso de pesos e medidas no Centro Sul da América Lusa. O tema se justifica a partir de dois paradigmas historiográficos que classificam a relação entre o comércio e o uso de pesos e medidas de formas diferentes. As respectivas obras são: *Los pesos e los hombres*, de Witold Kula; e *o Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico* de Fernand Braudel. Do que diz respeito ao Kula, este acredita que os espaços econômicos integrados por laços mercantis tendem a unificar seus pesos e medidas; já Braudel, demonstra que sociedades mediterrânicas ligadas por laços mercantis, produzem o seu próprio peso e medida distintamente, e o comércio flui normalmente sem qualquer necessidade de unificação. A partir disso, busca-se entender como os pesos e as medidas atuam sobre o comércio integrado por laços mercantis.

Palavras-chave: Pesos e Medidas, Antigo Regime, Confiança.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Pesos e medidas listados em Mapas de Exportação referente à Rio Grande de São Pedro

Tabela 2: Medidas de capacidade para grão e artigos secos

Tabela 3: Medidas de capacidade para líquidos

Tabela 4: Medidas lineares

Tabela 5: Medidas agrárias

Tabela 6: Medidas de Peso

Lista de Abreviações

AHU - Arquivo Histórico Ultramarino

DUMPM - Dicionário Universal de Moedas, pesos e medidas.

Sumário

Conteúdo

Introdução	1
Capítulo 1 - Referencial Teórico	6
Capítulo 2 - Os pesos e as medidas nas definições da época.	12
Capítulo 3 - Os casos do Centro Sul da América Lusa	17
Conclusão	28
Bibliografia.....	30

Introdução

O objetivo desta pesquisa é compreender como se dava a interação entre o comércio e uso de pesos e medidas no Centro Sul da América Lusa. O interesse por este tema se deu, devido a dois paradigmas historiográficos que discutem sobre o uso *dos pesos e das medidas*. As historiografias correspondentes são: *Las medidas e Los hombres*, de Witold Kula¹ e *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, de Fernand Braudel². No que diz respeito ao Kula, este afirma em sua obra: "*Os espaços econômicos integrados por laços mercantis tendem a unificar seus pesos e medidas, a fim de se facilitar uma melhor integração entre diferentes espaços econômicos*". Já Braudel, demonstra que as diversas sociedades mediterrânicas ligadas por laço mercantil, produzem o seu próprio peso e medida distintamente e nas feiras comerciais, o comércio flui normalmente sem qualquer necessidade de unificação.

Aqui se encontram duas ideias concorrentes entre si. De um lado, Kula defende a ideia de que espaços econômicos, integrados unidos por laços mercantis com características distintas, tendem a unificar seus pesos e suas medidas a fim de que se facilite a interação entre espaços econômicos diferentes; por outro lado, Braudel demonstra que mesmo sem a unificação de pesos e medidas, diversos espaços comerciais mantêm uma boa relação comercial e não se preocupam ou se mostram inclinados a unificar seus pesos e suas medidas. A partir disso, tentaremos compreender melhor, como se dá a interação entre espaços econômicos distintos, ligados por um laço mercantil. Tendo em vista o objeto central que intermedia este laço: os pesos e as medidas.

Para além, ainda, dos possíveis problemas de relações econômicas, percebe-se que os pesos e as medidas se mostram como uma espécie de problema histórico de difícil compreensão. Autores como Robert Simonsen³, constatam que os pesos e medidas podem se apresentar em variados sentidos, e não é algo simplesmente dado ou de um único entendimento. Em seu livro: *História Economia do Brasil 1500-1820*, onde

¹ KULA, Witold. *Las medidas e los hombres*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1999. _____ *Problema y métodos de la historia económica*. Barcelona: Ediciones Península

² BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983

³ Engenheiro, com trabalhos na área de História Economia.

tenta dar um panorama geral sobre a economia do Brasil no período Colonial, o autor nos apresenta alguns problemas referentes a pesos e medidas. Este, por sua vez, reuniu em uma espécie de tabela⁴, todos os pesos e medidas que se conhecem no Brasil Colonial. Simonsen divide estas medidas em cinco grupos, o qual os caracteriza em: *medidas lineares; medidas agrícolas; medidas de capacidade para grãos e artigos secos; medidas de capacidade para líquidos e medidas de peso*⁵, a fim de nos mostrar que os pesos e as medidas podem adquirir caráter polissêmico.

As medidas lineares, agrárias e de peso eram idênticas no Rio de Janeiro e em Lisboa. As medidas de capacidade utilizadas no Rio de Janeiro diferenciavam das usadas em Lisboa. Assim, o moio, o alqueire, a canada e o quartilho, portugueses, eram bem menores dos que os utilizados no Rio.
(SIMONSEN, 2005 p: 585)

Atento às divergências entre os pesos e medidas, Simonsen demonstra a não paridade das medidas entre a América Lusa e Portugal, demonstrando um sistema regional particular e alheio aos padrões de medidas portugueses. E é com esse tipo de diferenças que trabalharemos o objeto do nosso trabalho. Buscaremos tentar entender um determinado espaço econômico, a partir da instrumentalização dos pesos e das medidas, atentando-se sempre às singularidades e às normalidades na qual este sistema poderia se manifestar.

Dadas estas circunstâncias, escolhemos o espaço do Centro Sul da América Lusa no final do século XVIII até o início do XIX, mais especificamente, entre os anos de 1770 a 1810. Estes espaços aos quais eu denomino Centro Sul da América Lusa correspondem às capitanias de São Paulo e Rio de Janeiro, e todo o território que se estende ao sul destas regiões, chegando até a Capitania do Rio Grande de São Pedro. A escolha do espaço foi pensada a partir da suposição em encontrar um maior número de fontes possíveis, além do que, os espaços econômicos destas regiões são variados e se dividem em via marítima e terrestre - permitindo comparações regionais - caracterizando-se em espaços econômicos com lógicas diferentes, interligados por laços

⁴ A tabela foi confeccionado pelo autor deste texto, acordado com os dados retirados da obra: História Economia do Brasil:1500 - 1820, de Simonsen. A tabela pode ser encontra na parte que contem os "anexos" deste trabalho.

⁵ SIMONSEN, Roberto C: História econômica do Brasil: 1500 – 1820. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação. 2005 4º Edição

mercantis. Do que conhecemos sobre a via marítima, o comércio se dá, sobretudo, a partir da exportação e importação de produtos. Por via terrestre, nós preferimos dar atenção a uma rota mercantil que liga Viamão a Sorocaba no comércio de animais⁶. Do que se conhece sobre esta rota, sabe-se que o caminho foi aberto em 1727 a mando do Governador de São Paulo, a fim de ligar comercialmente as regiões de Viamão à Sorocaba, passando por outras localidades como Vacaria, Lages, Castro e Itapetininga⁷. Para além do comércio de animais, a rota conta com outras histórias, sobretudo, histórias de agentes sociais comuns ligados ao *crédito*, que segundo Tiago Luis Gil, é a prática que mais se incide dentro do contexto das rotas, seja para financiar tropas para o comércio de animais ou outras ligações. O comércio era feito, sobretudo, a partir de formações de tropas que comerciavam animais pela extensão de toda a rota. Vejamos:

Logo nos seus primeiros anos o caminho já foi amplamente utilizado. Um documento de finais do século XVIII estima que entre janeiro de 1734 e setembro de 1747, o rendimento foi de 42:326\$580. Considerando-se que o tributo pago nesta época, tanto para cavalos como para mulas, era de 1\$000, concluímos que passou o equivalente a mais de 42000 animais, ao longo de treze anos e alguns meses, numa média aproximada de 3200 anuais. (GIL, 2009 p: 45)

Para o nosso espaço temporal, a movimentação e o comércio de animais ainda continua intenso, e ao que parece cada vez mais próspero. Para o ano entre 1779 a 1780, o número de animais comercializados na rota quadruplica em relação à estimativa de animais que estariam sendo comercializados no começo da rota. Enquanto que, ao longo de treze anos, o número total de animais que passaram por aquela rota era de 42000, só o ano de 1780 reunia cerca de 14,415 animais.⁸ Com estes dados, conseguimos ter um panorama do que seja esse caminho terrestre ligado por laços mercantis. Tiago Gil ainda caracteriza o caminho como:

⁶ A escolha do cenário de análise se deu a partir do contexto histórico que a região nos oferece. Conhecida pelo seu intenso comércio de animais, a rota que liga Viamão à Sorocaba, é também cercada de práticas econômicas e de relações pessoais do comércio. Permitindo-nos, assim, uma maior expectativa sobre a percepção dos agentes sociais históricos do comércio e dos seus instrumentos. Contamos ainda com uma Tese de Doutorado sobre e referida rota, intitulada de Coisas do caminho: tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780 – 1810), por Tiago Luís Gil.

⁷GIL, Tiago. Coisas do caminho: tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780 – 1810). Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009

⁸ Idem

Uma diversidade de locais envolvidos na atividade tropeira, contribuindo com diferentes tipos de criações com diferentes períodos de produção. Uma extensão de mais de mil quilômetros que era integrada por um grupo significativo de negociantes, fiadores, peões e condutores. Localidades como Viamão, Curitiba, Lapa e Sorocaba mantinham um ritmo social muito marcado por este comércio. (GIL, 2009 p: 47)

O motivo em dar uma maior ênfase a este caminho se dá basicamente ao seu contexto histórico. Um comércio intenso e próspero, integrando diversos espaços econômicos, com um pano de fundo marcado por uma sociedade em estrutura de Antigo Regime. Em conjunto com todo o contexto do Centro Sul da América lusa – em especial, este espaço de via terrestre - nós conseguimos visualizar e analisar os argumentos de Kula, os argumentos de Braudel, e ainda, observar o espaço mercantil que se utiliza dos pesos e das medidas como principal mediação entre as relações comerciais.

Em termos gerais, a metodologia que foi usada para esta pesquisa se inspira na *Micro História*⁹ italiana de Geovanni Levi. Utilizaremos também dados de movimentação portuária da costa destas grandes regiões

As fontes utilizadas para esta pesquisa tratam-se de escrituras, inventários, documentações oficiais de caráter fiscal e mapas comerciais de exportação e importação de produtos¹⁰. Entretanto, as duas últimas são as fontes que encontramos maiores dados para a nossa análise, sendo majoritariamente utilizada para nossa pesquisa. Geralmente, os mapas de exportação costumam representar mais as vias marítimas e as outras fontes listas, costumam representar a documentação para a via terrestre. O tratamento metodológico que daremos a estas fontes se vale das menções que são feitas a todos os pesos e medidas encontrados.

Também utilizamos como fonte – a fim de consultas sobre regimentos da época - o *Dicionário Universal das Moedas, pesos e medidas*¹¹ - onde dedica-se uma parte somente para discutir os pesos e medidas enquanto definições e conversões na Europa,

⁹Sobre a *Micro História* in BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992

¹⁰ Todas estas fontes encontram-se no Arquivo Histórico Ultramarino e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

¹¹ Disponibilizada digitalmente pela Biblioteca Nacional de Portugal

Ásia, África e América. Utilizamos ainda os dicionários sobre língua portuguesa: o *Vocabulário Portuguez e Latino, de Raphael Bluteau*; o *Diccionario da Lingua Brasileira*, de *Luiz Maria da Silva Pinto* e o *Diccionario da lingua portuguesa*, de *Antonio de Moraes Silva*¹².

¹² Todos estes dicionários citados estão disponibilizados digitalmente pela Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo.

Capítulo 1 - Referencial Teórico

Para além dos argumentos destes autores, o que com certeza estas duas obras¹³ nos mostram é que os pesos e as medidas não são algo de fácil compreensão. Sua complexidade se mostra notória justo quando estes são os principais instrumentos de organização comercial que incluem trocas, vendas, pagamentos e a maioria das relações comerciais¹⁴. Mais que uma relação puramente econômica, os pesos e medidas são uma relação social e política. E é a partir desse ponto específico que os pesos e as medidas ganham um caráter de problema. Para esta discussão, estou trazendo quatro autores que envolvem toda esta pesquisa, sendo dois deles a gênese do problema que aqui é tratado e os outros dois, auxiliares para compreender teoricamente a questão dos pesos e das medidas, são eles, respectivamente: Witold Kula; Fernand Braudel; e Karl Polanyi e George Akerlof.

1.1- Braudel

A contribuição que nos trás Braudel para esta pesquisa, se dá, sobretudo, no âmbito econômico. Suas grandes obras, como: O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico; e Civilização Material, Economia e Capitalismo, nos mostra como foi construído os grandes centros econômicos do Mediterrâneo. Baseado sempre nas interlocuções culturais entre as sociedades que faziam parte daquela região. As grandes feiras, que para Braudel, é um dos grandes centros de trocas e comércio, reuniam diferentes tipos de costumes e sociedades, reunindo, conseqüentemente, diferentes tipos de produtos e comércio.

Estas feiras foram grandes formadores de laços mercantis, onde produtos de todo tipo eram comercializados, desde o comércio de animais a produções artesanais¹⁵. O comércio que se monta nas grandes feiras, atraem diversos tipos de pessoas, formando um ambiente diversificado e de muitas possibilidades.

Las ferias atraen también a los vendedores ambulantes más modestos, representantes genuinos de un mundo campesino que pone a la venta sus productos: animales, tocino, barriles de carne salada, cueros, pieles, quesos, toneles nuevos, almendras,

¹³ Me refiro ao dialogo feito na parte que contém a Introdução desta pesquisa, discutindo Braudel e Kula

¹⁴ POLANYI, Karl. A subsistência do homem e ensaios correlatos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

¹⁵ BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II. São Paulo: Martins Fontes, 1983

higos secos, manzanas, vinos corrientes, y crudos tan famosos como el mangiaguerra, barriles de anchoas o de sardinas.
(BRAUDEL 1976 p:507)

Estas feiras se mostram em verdadeiros espaços de integrações econômicas, ligadas por laços mercantis. Mostram-nos as infinitas possibilidades de trocas, vendas e compras que podiam ocorrer ali. Reúne diferentes sociedades em diferentes ritmos e diferentes costumes, mas, naquele espaço, as relações comerciais se uniam, independente das diferenças.

Cuántas mercancías; telas de toda especie y de todos los lugares, sedas, especiais, drogas, palo del Brasil, marfil, piezas de orfebrería y, junto a ellas, mercancías mas cotidianas.
(BRAUDEL 1976 p: 508)

Ao que nos interessa entre essas informações é justamente as infinitas possibilidades que poderiam acontecer nessas feiras. Em conjunto com as diversas variedades de produtos e moedas. Todavia, o que surpreende, é que essas feiras foram por muito tempo a grande ligação mercantil destas sociedades. Mostrava-se uma economia próspera e de grande circulação monetária. Braudel nos mostra que as feiras eram marcos, e que eram organizadas e esperadas. Sugere-se, e este afirma, que era uma economia próspera, e de integração entre diversos espaços econômicos. A partir disso, nós vemos uma economia que se relaciona sem qualquer tipo de dificuldade mesmo com as mais variadas diferenças sociais, culturais e tantas outras, que, inclusive, implicariam nos pesos e medidas. Braudel nos diz:

As verdadeiras feiras são aquela para as quais a cidade inteira abre suas portas. Então, ou a feira submerge tudo e se torna a cidade e até mais do que a cidade conquistada, ou está é suficientemente forte para manter aquela boa distancia nos pesos respectivos.¹⁶

Tal como Braudel diz, as feiras são instituições tão fortes que elas podem suficientemente serem fortes para manter os respectivos pesos em sua distância, em sua singularidade. Ao que parece, as diferenças métricas que atuavam nestas relações comerciais não se mostrava uma necessidade de unificação, ou mesmo uma busca por ela, e o comércio se mostra bastante próspero e ativo. A integração dos espaços

¹⁶ BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo: séculos XV-XVIII.** Lisboa: Cosmos, 1970.

econômicos, pelo menos em Braudel, não parecem se ligar pela unificação dos pesos e das medidas. O que nos sugere que sociedades mediterrânicas ligadas por laços mercantis, produzem o seu próprio peso e medida distintamente, mas nas feiras comerciais, o comércio flui normalmente sem qualquer necessidade de unificação.

2.2 - Witold Kula

A contribuição de Kula para essa pesquisa se dá basicamente na ideia que este, formula em seu livro: *Las medidas y Los hombres*.

Sin embargo, los lazos comerciales frecuentemente unifican las medidas em los centros tradicionalmente unidos por el intercambio mercantil. (KULA, 1999 p: 137)

Os laços comerciais frequentemente unificam as medidas nos centros tradicionalmente unidos pelo intercambio mercantil. Esta ideia nos chama a atenção devido à palavra *frecuentemente*. Parece haver aqui uma tendência à unificação das medidas, o que vai à ideia contrária à de Braudel.

Entretanto, Kula formula essa ideia para escrever sobre a função das medidas em uma economia mercantil e pré-capitalista.¹⁷ O mesmo argumenta em cima das variadas medidas que se encontravam para o comércio, muitas vezes adotadas para se obter algum ganho em cima daquilo. Como não se podia mexer com o preço, mexia-se com a medida e então, muitas vezes, se formavam duas medidas para um mesmo produto, onde a medida de compra é diferente da medida de venda. Vejamos

A veces, para la compra y la venta no se utilizan dos métodos diferentes de medición, sino directamente dos medidas diferentes. [...] He aqui una diferenciación muy importante, basada no em la variación del precio, sino em la de la medida, entre el comercio mayorista y el minorista. (KULA, 1999 p: 136)

Contudo, Kula entende que em relações mercantis, o preço se mostrava fixo – devido a uma série de outros fatores, como o fator do pecado, por exemplo – e as medidas eram variáveis. Hoje nós atuamos de uma forma inversa, onde a medida é fixa e o preço é variável de acordo com a quantidade da medida. Todavia, em laços comerciais tidos como mercantis, os preços não se mostram fixo e as medidas muito

¹⁷KULA, Witold. *Las medidas e los hombres*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1999. _____.
Problema y métodos de la historia económica. Barcelona: Ediciones Península

menos unificadas¹⁸. É devido ao Kula, que buscamos um maior interesse no assunto. Por imaginar que essa não é uma realidade, pelo menos não laços mercantis que integram o Brasil Colônia. E é devido a estas informações, que também escolhemos o nosso espaço geográfico. Não como um espaço de análise, mas como um cenário que poderemos observar o que são os pesos e as medidas para as relações comerciais. O que veremos também mais à frente.

1.3 Karl Paul Polanyi.

A contribuição entendida em *Karl Paul Polanyi*¹⁹ - se dá, sobretudo, com seus trabalhos dentro da área de História, especificamente, com a obra: *A subsistência do homem e ensaios correlatos*, onde discute, em um capítulo específico, acerca da *equivalência*.

As equivalências, como tais, são mecanismos simples que estabelecem relações quantitativas entre bens de diferentes tipos, como uma medida de trigo e um jarro de vinho (na proporção de um para um), ou gado de grande e de pequeno porte (na proporção de um para dez). A apresentação dessas relações como "preço" é enganosa, pois restringe o conceito de equivalência às trocas de mercado. Na verdade, o âmbito das equivalências não se limitava de modo algum a situações de troca mercantil. (POLANYI, 2012 p:)

No contexto geral da obra, o autor - especificamente no capítulo referente à discussão sobre equivalência - discute as relações que giram em torno da equivalência. Polanyi contextualiza o termo em diversas formas, como por exemplo: *Equivalências substitutivas; Rações; Equivalência de troca; Sociologia das equivalências; e Equivalências e mercados*, as quais o autor defende, nessas idéias, que antes mesmo da prática da economia de mercado²⁰ as sociedades se valiam do sistema de equivalência para suas trocas, pagamentos e comércio. Para o âmbito da nossa pesquisa, essa afirmação de Polanyi pode ser parte ou mesmo a chave para alcançar algum entendimento sobre os pesos e as medidas para aquela sociedade. Isso porque, as equivalências podem agir em conjunto com os pesos e as medidas, fazendo com que estes, não sejam um problema, como nos demonstra Braudel. Portanto, pode ser a realidade das equivalências que Polanyi afirma em sua obra, uma resposta para a boa

¹⁸O nosso espaço geográfico já nos serve em bom exemplo para a afirmação.

¹⁹Filósofo, Historiador e Antropólogo Húngaro.

²⁰ POLANYI, Karl: *A grande transformação: as origens da nossa época*.

fluência do comércio, ainda que com entendimentos diferentes acerca dos seus instrumentos (pesos e medidas). A partir disso, iremos nos atentar a possíveis relações de equivalência dentro da nossa realidade.

1.4 George Arthur Akerlof

George Arthur Akerlof²¹, nos ajuda com trabalhos dentro da área de Economia, especificamente, com a obra: *The Market for Lemons*, onde discute acerca de como a detenção de informações sobre a qualidade de determinado produto, pode fazer com que a economia de mercado cresça ou diminua. Sua análise é dada sobre o mercado de carros usados.

There are many markets in which buyers use some market statistic to judge the quality of prospective purchase. In this case there is incentive for sellers to market poor quality merchandise, since the returns for good quality accrue mainly to the entire group whose statistic is affected rather than to the individual seller (Akerlof, 2006 p: 488)

Em sua obra, Akerlof discute dois conceitos centrais para a sua análise: *Asymmetrical Information* e *Greesham's law*²² (*Assimetria de informações e Seleção Adversa*). A partir destes dois conceitos, o autor exemplifica como a assimetria de informações pode desvalorizar o mercado e criar uma seleção adversa no comércio de carros usados. O autor parte do princípio de que há no mercado de carros usados dois tipos de carros: os carros bons e os carros “lemons” (carros ruins). Ambos foram postos à venda, sendo que o carro bom foi avaliado pelo seu dono em R\$2.500,00 e o carro *lemon* seria vendido por R\$1.200,00. Há aqui dois tipos de produtos sendo comercializados, porém, há um de maior qualidade por um preço maior e um de menor qualidade por um preço menor. Todavia, somente os donos dos carros postos à venda sabem da qualidade do seu produto. O que tem o carro bom sabe que ele é bom e o que tem o carro ruim, sabe que ele é ruim. O problema mora exatamente aqui: o comprador não sabe qual carro é o bom e qual carro é o ruim, e na expectativa de conseguir um bom, este faz uma média aritmética de acordo com o valor dos dois carros. No nosso caso, o comprador iria oferecer o valor de R\$1.450,00 em ambos os carros.

²¹ Economista estadunidense.

²² *Greesham's law* é um princípio econômico do qual Akerlof se utiliza para fazer uma analogia com o que acontece dentro do mercado de carros usados. Este conceito se aplica na valorização de um objeto e na desvalorização de outro da mesma espécie. Logo, a valorização de um determinado objeto ou produto irá expulsar outros objetos/produtos que foram desvalorizados. Para o nosso caso, chamaremos este conceito de *Seleção Adversa*, que tem como princípio a analogia com a *Greesham's law*, porém, para o mercado de carros usados.

Logicamente, o possuidor do carro bom não iria aceitar, pois o preço do seu carro é R\$2.500,00 e este iria sair em desvantagem. Já o possuidor do carro ruim – *lemoncar* – iria fazer acordo com o comprador, pois ainda sairia em vantagem recebendo ainda mais do valor estipulado. O comprador do carro iria fazer uma má compra, pois estaria comprando um carro ruim e ainda iria expulsar do mercado aqueles que tinham um bom carro para negociar, pois o valor que era oferecido não era vantajoso para venda. Sendo assim, no mercado só iria existir um tipo de produto: os carros ruins. As pessoas iriam desistir de comprar nos grandes mercados por medo de comprar um carro ruim e passariam apenas a comprar carros que pudessem verificar ou acompanhar a qualidade destes, como por exemplo, carro de vizinhos, conhecidos e amigos. Estes não detinham a informação do produto para si – pois há uma relação de confiança e observação - e não ludibriavam os possíveis compradores.

Transferindo para a nossa realidade, queremos usar essa teoria para estudar principalmente a relação social de confiança em torno dos pesos e medidas. Para servir como um bom exemplo, podemos usar do comércio de animais tidos em nossa rota, para verificar como se dão as relações de confiança na hora da compra dos animais. Elas são dadas a partir do que? Da qualidade? Das características que se apresenta o animal?

Akerlof nos mostra como a assimetria de informações pode levar à seleção adversa dos negócios. Sabendo que a assimetria de informações é a retidão e obstrução de informação sobre o produto por parte do vendedor ao comprador; e a seleção adversa é a expulsão dos bons produtos do mercado e a permanência dos maus produtos, isso poderia ocorrer para o nosso caso?

Capítulo 2 - Os pesos e as medidas nas definições da época.

A partir do momento que entendemos que os pesos e as medidas não são guiados somente pelo contexto econômico, mas é também uma construção dada a partir de contextos históricos sociais e políticos bastante singulares²³, precisamos compreender melhor como os pesos e as medidas eram entendidos para os agentes sociais do nosso tempo de análise. Com esse propósito, buscamos informações em quatro dicionários que possam nos passar a ideia que buscamos. Em primeiro momento, exploraremos o Dicionário Universal de Moedas, pesos e medidas. E em segundo momento, utilizaremos três dicionários sobre língua portuguesa da época.

Ter como pano de fundo um espaço mais amplo o qual denominamos de *Centro Sul da América Lusa*, nos permitiu acesso a um número maior de fontes a fim de conhecer todos os pesos e medidas que eram mencionados. Nos mapas de exportação e importação, cartas de sesmaria, inventários, e outros documentos que contamos para aquele comércio, podemos observar diversos termos - em sua grande maioria, invariáveis - que são constantemente citados nestes documentos. Por isso, fomos buscar explicações nestes dicionários.

2.1 O Dicionário Universal de Moedas, pesos e medidas

O *Dicionário Universal de Moedas, pesos e medidas*, que a partir desse momento, chamaremos de DUMPM, o qual se caracteriza como um *resumo* do que se conhece sobre as *moedas, os pesos e as medidas na Europa, Ásia, África e América*²⁴, nos mostra sobre o que é usado para trocas, medidas e pesagens nas regiões que o livro descreve. Na introdução do Livro, o autor escreve:

Quanto util seja aos Comerciantes o conhecimento verdadeiro, e certo do valor intrinseco, e numerario dos Dinheiros, e Moedas de conta, sejam ficticias, ideaes, ou correntes em todo o Mundo, he tão sabido por todos quantos negoção de hum para outro Reino estranho, que tenho por escusado[sic] demorar-me nesta succinta Introdução em

²³KULA, Witold. *Las medidas e los hombres*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1999. _____
Problema y métodos de la historia económica. Barcelona: Ediciones Península

²⁴ FERREIRA, Simão; Companhia de Jesus: Dicionário Universal das Moedas, pesos e medidas. Portugal. 1793

mostrar por extenso as grandes conveniencias, e utilidades, que deste conhecimento lhes resulta.(FERREIRA, 1793 p: 5)

Continua ainda acerca dos pesos e das medidas:

E passo agora a tratar dos pêzos, e medidas, assim para generos secos como para molhados, cousa de não menor utilidade, e instrução; e para com maior facilidade se saber exactamente, e com certeza, quanto produz, ou rende qualquer medida de Reino estrangeiro, reduzida a medida de Portugal, se ajuntão aqui diferentes Mappas de Reducções das medidas de extensão, e de continencia ou capacidade, e os methodos para delles usar. (FERREIRA, 1793 p: 281)

O referido texto nos passa a ideia de que este Dicionário serve como uma espécie de Manual - contando com todas as moedas, pesos e medidas existentes - que serve como consulta aos comerciantes que necessitam saber sobre conversão, conhecimentos sobre as medidas de outrem e etc., bem como, parece compreender a noção de instrução e de uma padronização. Seguindo esta ideia, o dicionário nos mostra diversos termos que se usam para classificar medidas, como por exemplo: alqueires, pipas, léguas, braças; e suas respectivas definições e conversões para outras maneiras de se medir em outros locais. Observamos uma exemplificação sobre o que as medidas secas, como o alqueire - que é uma das medidas mais encontrada no nosso espaço - representam neste dicionário:

Dois selamins huma maquia; Duas maquias huma oitava; Duas oitavas huma quarta; Duas quartas meio alqueire; Dois meios alqueires hum alqueire; Quatro alqueires huma fanga; Quinze Fangas, ou 60 alqueire, ou 1 Moio(FERREIRA, 1793 p:298)

As definições e suas devidas conversões, em sua grande maioria, se dão dessa maneira. O dicionário separa as medidas por categorias²⁵, define-as de acordo com o seu uso e as convertem em divisões, de forma que determinadas quantidades de medidas formam outra. O DUMPM nos mostra ainda que não parece haver uma só unidade para os pesos e as medidas. Em sua grande maioria, as medidas se constituem a partir da junção de outras medidas. No exemplo dado acima, podemos ver a série de divisões que

²⁵ Medidas de comprimento; medidas secas; medidas líquidas

são feitas até chegar ao *alqueire* como uma medida unificada. Ou mesmo a *Fanga*, que para ser *Fanga* se constituem de quatro alqueires. Podemos ainda citar as medidas de *liquidos*, para ressaltar as divisões que são feitas para definir determinadas medidas:

Seis onças, meio quartilho; dois meios quartilhos; hum quartilho; dois quartilhos, meia canada; duas meias canadas, uma canada; seis canadas, meio almude, hum alqueire, ou hum pote. (FERREIRA, 1793 p: 308)

O que podemos notar, é que as definições que usa o DUMPM são constituídas a partir de outras medidas. A lógica de definição deste dicionário se dá a partir das conversões que formam as medidas. Por isso, um alqueire ou uma pipa, será entendido a partir de outras medidas que formam estes termos. Não parece haver aqui uma lógica de unidade, mas sim das divisões. A própria existência desta obra indica a complexidade do problema.

2.2 Dos dicionários de Língua Portuguesa da época.

Contudo, buscamos examinar um pouco mais acerca destas definições e conceitos, buscando outros documentos que possam nos mostrar outras visões nas definições. E para isso, buscamos um definidor de conceitos gerais para tentar achar algo. Portanto, nos valem de três dicionários sobre a língua portuguesa que atravessam o século XVIII até meados do XIX, onde poderíamos verificar a ideia que estes transmitem sobre determinados termos que caracterizam pesos e medidas, sobretudo, àqueles que encontramos diferenças, como a Pipa e o Tonel²⁶. São eles: *Vocabulário Portuguez e Latino*, de *Raphael Bluteau*; *Diccionario da Lingua Brasileira*, de *Luiz Maria da Silva Pinto*; e o *Diccionario da língua portuguesa, em sua segunda impressão*, de *Antonio de Moraes Silva*²⁷.

De maneira geral, algumas definições permanecem com um mesmo sentido. Como por exemplo, o *alqueire*, que é uma das medidas mais encontradas no Centro Sul da América Lusa. Nestes três dicionários, o *alqueire*, tem a concepção de ser uma medida para grão, com pequenas variações em palavras explicativas para descrever o termo, o qual não altera o conceito de uma medida de grão em si. Todavia, nós encontramos conceitos relativamente diferentes para Pipas— que é uma das principais

²⁶ Acordado com a tabela de numero três

²⁷ Disponível pela Biblioteca brasileira da Universidade de São Paulo

medidas de líquido encontrada na nossa rota – e para os *Toneis*, que são mencionados em outras localidades, como por exemplo, no Rio de Janeiro. Observemos a seguinte tabela²⁸

Medidas	Dicionário Bluteau – (1728)	Dicionário Moraes Silva – (1789)	Dicionário Silva Pinto – (1832)
Pipa	Vasilha grande, composta de aduelas, apertadas com arcos, e bem unidas, em que se guarda o vinho, azeite e outros licores. A pipa de Lisboa hemeyo tonel, ou duas quartolas, faz trezentas e doze canadas, ou vinte e seis almudes de doze canadas cada almude. As pipas do porto são maiores.	Vasilha de tanda, de guardar vinhos, azeites, vinagres e etc. A pipa de Lisboa é meyo tonel, ou duas quartolas; leva trezentas canadas, ou 16 almudes de doze canadas cada almude; as pipas do porto levão mais huma pipa de moiaçom que leve 27 almudes portado em paz, e em salvo.	Vasilha para vinho, vinagre etc. Antigamente, Gaita ou fruta
Tonel	Vasilha, composta de aduelas, apertadas com arcos, de diferentes grandezas, em que se mete vinho, ou outro licor. Tonel he vasilha de	Vaso de aduella, que leva de 50 até 75, e mais almudes; ou 1 pipas	Vasilha de líquidos, que contém duas pipas. Outros ha maiores

²⁸ Referência pode ser encontrada na parte que contém a *Lista de Tabela*.

	cincoenta almudes, até setenta e cinco e demais.		
--	--	--	--

O que podemos perceber – através da tabela de conceitos extraída dos dicionários – são algumas mudanças nos sentidos e quantidades destes termos ao longo de 100 anos. No caso da Pipa, está é tida como uma vasilha grande no primeiro dicionário; no segundo menciona-se apenas que ela é uma vasilha de *tanda*, em que se podem guardar vinhos, azeites e vinagres; e no terceiro apenas cita que essa medida se caracteriza como uma vasilha, não importando com o seu volume (assim como fez o primeiro dicionário) e nem com suas características. Podemos citar ainda, a confusa conversão que é feita da Pipa para outras medidas. No primeiro dicionário, ela representa trezentos e doze canadas ou 26 almudes; já no segundo, ela representa apenas trezentas canadas ou 16 almudes; no terceiro, estas conversões sequer são mencionadas. Isso parece indicar talvez, o lento processo de unificação das medidas no ocidente. Quando vemos a descrição nestes dicionários, percebe-se uma tendência à simplificação.

Com o tonel, acontece a mesma coisa. Em um dicionário é citado o volume de 1 pipa, no outro, já passam a ser 2. Ao que parece, estas definições mudam ao longo do tempo, e se confundem também. Muitas delas se perdem em sua quantidade, por exemplo, e ninguém saberá ao certo – de acordo com os dicionários – os conceitos, as quantidades, ou as variações nas possíveis pesquisas sobre as medidas.

Capítulo 3 - Os casos do Centro Sul da América Lusa

Até aqui pudemos perceber que os pesos e as medidas são bastante complexos, com possibilidades de o entendimento ser confuso até mesmo para os agentes que lidaram com isso na época, vide o Dicionário. As Historiografias nos mostram informações distintas; os dicionários de língua portuguesa confundem suas definições, passando idéias diferentes; e o DUMPM nos mostra definições a partir de outras medidas. Todavia, é certo que a forma como se dá a organização dos pesos e das medidas não é unívoca e o entendimento sobre eles pode ter caráter polissêmico. Kula nos diz que as sociedades integradas por laços mercantis tendem a unificar os pesos e as medidas, já Braudel nos mostra que não há preocupação em se unificar as medidas porque esta não seria um empecilho para o comércio. O que se sobressai no nosso espaço? Vamos dividir esse capítulo em três pólos centrais para responder a nossa pergunta. Em *primeiro* momento, vamos demonstrar as normalidades dos pesos e medidas em conjunto com a equiparação de suas definições; em *segundo* momento, vamos nos atentar aos pequenos desvios dessa normalidade, como nos sugere o capítulo 2; e em *terceiro* plano, demonstraremos as possíveis hipóteses para saber como se dá os pesos e as medidas para o comércio.

Observa-se uma tabela com menções a produtos e suas respectivas medidas retiradas de uma fonte que descreve a relação das embarcações que saíram do Porto do Rio Grande de São Pedro no ano de 1790, sendo esta, uma carga de exportação²⁹, e um documento oficial, destinado ao secretário do Ultramar, assinada por Rafael Pinto Bandeira³⁰.

²⁹ Esse tipo de fonte (Mapas de exportação) é o documento oficial que mais se encontra menções à pesos e medidas. Como se trata de uma lista de produtos que estão saindo ou entrando naquela região, vários são os produtos comercializados e pesos e medidas adotadas.

³⁰ Brigadeiro Comandante do Rio Grande de São Pedro

Relações de Embarcações que saíram do Porto do Rio Grande de São Pedro no ano de 1970	
Medidas	Produtos
<i>Alqueires</i>	<i>Trigo</i>
<i>Arrobas</i>	<i>Farinha de Trigo; Charque; Sebo; Lã</i>
<i>Pipas</i>	<i>Carne de</i>
<i>Barril</i>	<i>Manteiga; Biscoito</i>
<i>Pezos</i>	<i>Prata Forte</i>

³¹Tabela 1 - Pesos e Medidas de Mapa de Exportação ³²

Estes são alguns exemplos de medidas mais comuns utilizadas para volumes secos e líquidos no nosso espaço. Sendo o Alqueire e a Pipa os mais utilizados na nossa viaterrestre de Viamão - Curitiba – Sorocaba (GIL, 2009 p: 114). Para medidas de distancias, encontra-se o termo *légua* como referência principal. Para o Rio de Janeiro, por exemplo, encontramos principalmente nos mapas de exportação e importação, os mesmos tipos de medidas como referência principal: Arrobas, Alqueires e Pipas³³. Para São Paulo, as mesmas medidas se repetem tanto para o gênero seco como o líquido³⁴.

Nas fontes que temos disponíveis, não encontramos uma discussão, definição, ou espécie de orientação escrita por alguém na América Portuguesa que defina estes pesos e medidas de forma diferente das já encontradas aqui. Aparentemente, tudo que se entende sobre definições e conceitos de pesos e medidas, parece vir importado de Portugal. O DUMPM já nos serve como um bom exemplo, devido ao seu caráter de orientação. Todavia, nós também encontramos - mesmo que em menor número - diversificações tanto nas definições dos dicionários, como na lógica que se forma dos pesos e das medidas no Centro Sul da América. As *pipas* e os *Toneis*, de acordo com a

³¹ Tabela de confecção própria feita a partir dos dados das fontes.

³² Ofício do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, ao, Martinho de Melo e Castro, enviando mapas da população e dos animais, vacuns, cavalares, muares e ovelhuns, e das carruagens e arados existentes no Rio Grande; e relações das embarcações e dos couros e gados que saíram pela barra no ano de 1790. AHU_ACL_CU_019, Cx 3, D. 252

³³ AHU_ACL_CU_005, Cx. 160, D. 12025

³⁴ AHU_ACL_CU_023, Cx. 16, D. 831

tabela de número 1, mostram uma variação de valores. E, ainda, Simonsen reforça salientando outras diferenças, como dito na introdução.

As medidas lineares, agrárias e de peso eram idênticas no Rio de Janeiro e em Lisboa. As medidas de capacidade utilizadas no Rio de Janeiro diferenciavam das usadas em Lisboa. Assim, o moio, o alqueire, a canada e o quartilho, portugueses, eram bem menores dos que os utilizados no Rio. (SIMONSEN, 2005 p: 585)³⁵.

Ao que observamos, Portugal parece já ter suas definições e entendimentos sobre pesos e medidas das quais se utilizam, já que tem definições bem claras do que cada medida representa e pode representar em outros países,³⁶ mas, ao que parece também, essa lógica pode não ser transportada muito bem para alguns locais da América Lusa, sobretudo, para o Rio de Janeiro³⁷. Percebe-se que há igualdade em grande parte das medidas, principalmente nos conceitos, porém, há disparidades nas exatidões destes pesos e medidas, no volume que os compõem.

Com isso, Simonsen traz dois dados importantes. O primeiro é que a maioria dos pesos e das medidas mencionadas segue a mesma lógica conceitual que encontramos tanto no Dicionário Universal de Moedas, pesos e medidas e como nos dicionários de Língua Portuguesa, bem como próprio autor afirma, com as lógicas de Portugal. O segundo dado consiste que no Rio de Janeiro outros pesos e medidas tinham suas próprias singularidades e, conseqüentemente, diferenciavam-se dos mesmos pesos e medidas que se tinham em Portugal. Diferenciavam, sobretudo, em quantidades.

Mas, porque, exatamente, isso acontecia? Ao que me parece estes dados podem sugerir que, primeiro, economias regionais da América Lusa parecem criar suas próprias lógicas comerciais, onde talvez/possivelmente a base dessa relação seja centrada na confiança³⁸ em conjunto a uma relação de dependência formada através da sociedade e do comércio, onde a boa fluência deste aconteceria pela verificação da qualidade dos

³⁵ Informação dada a partir da tabela com os dados do que se conhece sobre pesos e medidas no Brasil da colônia ao século XVIII. Essa referida tabela se encontra na parte denominada como "Anexos" neste trabalho.

³⁶ Dicionário Universal de Moedas, pesos e Medidas.

³⁷ SIMONSEN, Roberto C: História econômica do Brasil: 1500 – 1820. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação. 2005 4ª Edição

³⁸ Podemos relacionar com o primeiro capítulo desta pesquisa, em que uma das historiografias adotadas traz a confiança como base principal para relações comerciais.

produtos e não na variedade dos seus pesos e medidas. Toda essa lógica estaria sustentada por uma rede interligada através dos usos e costumes de um sistema político e econômico centrado no Antigo Regime. Vejamos:

A *sociedade* estaria inserida num contexto histórico de criações de relações de dependências e hierarquias, formando uma sociedade corporativa baseada no estamento social, característico do Antigo Regime. O *comércio*, por sua vez, seria inserido nesta mesma lógica dado às ligações clientelistas que são feitas nesse tipo de regime, em que, criaria para o comércio, os mesmos laços de conveniência e de estabilidade. Isto porque, por exemplo, anteriormente ao advento do mercado – que se entende como auto-regulador da economia aquém da sociedade³⁹ – existiam também outros agentes reguladores, como por exemplo, as equivalências, o crédito e até mesmo a qualidade⁴⁰, que se mostravam atuantes, respectivamente, na troca, na possibilidade e na verificação⁴¹, criada a partir dessa estrutura de pensamento. A *confiança*, por sua vez, seria o produto final entre a combinação da sociedade e do comércio. Porém, ela também se mistura com estes elementos, pois é também uma sustentação para essa relação. Isso porque em uma sociedade estamental, organizada pelas lógicas de um Antigo Regime; e em um comércio de muitas possibilidades, (como o exemplo o da diferenciação entre conceitos e volume, mostrado no capítulo anterior) exige uma relação de confiança naquele com quem se pratica o comércio. Que também é dado a partir dessa lógica estrutural do Antigo Regime, e que, provavelmente é regulamentado pela qualidade dos produtos em caso de relações de comercialização de produtos.

Em outras historiografias podemos encontrar como a *qualidade* se envolve diretamente com aquilo que se busca (a comercialização de produtos, por exemplo) é importante para manter uma estrutura, uma confiança, ou mesmo um comércio. Edward Thompson perpassa um pouco por esse tema em sua análise dos *motins da fome* na Inglaterra do século XVIII. Embora a qualidade não seja o objeto central de análise, ela perpassa como um argumento dos próprios agentes históricos que se revoltam com os preços do pão na Inglaterra. Vejamos:

³⁹ Em uma perspectiva Polanyiana

⁴⁰ As ideias sobre equivalência, crédito e qualidade são retiradas do referencial teórico listado nessa pesquisa, que, respectivamente, são discutidos pelos autores: Karl Polanyi, Tiago Gil e George Arthur Akerlof.

⁴¹ Idem

Vender pão branco ou farinha pura tinha vantagens para os padeiros e os moleiros, pois o lucro que podiam ganhar com essas vendas era em geral bem maior. (Ironicamente, esse fato provinha em parte da proteção paternalista ao consumidor, pois o Regulamento do Pão tinha por objetivo impedir que os padeiros lucrassem com a venda do pão aos pobres; por isso, era do interesse do padeiro fazer a menor quantidade de pão "caseiro" possível, e esse pouco ele ainda fazia mal.) Nas cidades, que viviam atentas aos perigos da adulteração suspeitava-se que o pão preto permitia encobrir com facilidade aditivos nocivos. Nas últimas décadas do século, muitos moleiros adaptaram suas máquinas e suas peneiras de pano, de modo que realmente não podiam preparar a farinha para o pão "caseiro" intermediário, produzindo apenas as qualidades mais finas de farinha para o pão branco, e o "refugo" para um pão escuro (que um observador achou "tão bolorento, causador de cólicas e pernicioso que punha em risco a saúde"). [...] Há uma sugestão de que os trabalhadores acostumados com o pão de trigo realmente não conseguiam trabalhar - sofriam de fraqueza, indigestão ou náusea - se forçados a mudar para misturas mais grosseiras. (THOMPSON, 2005 p: 154)

Não podemos reduzir o problema unicamente à qualidade, para o caso do Thompson. O problema ia muito mais além, pois a variação do preço de ingredientes e a obtenção de lucro em cima dos trabalhadores por parte dos padeiros, faziam com que estes modificassem a qualidade dos seus produtos a fim de obter mais lucros. O que não foi permitido por parte dos trabalhadores que necessitavam daquele pão que era a principal fonte de alimento. Como relatado, muitos trabalhadores não conseguiam nem trabalhar, pois passavam mal com a má qualidade dos produtos. Os motins se justificam nesse processo⁴².

Todavia, o que podemos extrair do caso do Thompson, é perceber como a qualidade - e suas variações - são importantes para sustentar ou desmontar uma estrutura lógica social do comércio. Thompson nos mostra como os motins ganharam força no século XVIII através desse processo que aparentemente seguia uma lógica de regulação naquela sociedade, mas que bastou a má qualidade do produto para se gerar mudanças. Um dos motivos para os motins acontecerem foi pela transformação da qualidade do pão. De uma qualidade boa, passou a uma qualidade ruim. O que nos sugere que se esta não tivesse uma alteração - e dentre os seus outros motivos também, como o preço - se manteria a estrutura que se organizava a partir da venda do pão aos

⁴²THOMPSON, Edward. "A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII". In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 150-202.

trabalhadores. Em equiparação com o nosso espaço, entenderíamos um comércio fluente a partir da lógica que a confiança cria em sociedades com as lógicas de Antigo Regime. Se a avaliação qualitativa do produto for boa, a confiança sustenta aquele comércio, porém, se a avaliação qualitativa não for condizente - tal como Thompson nos mostra com a qualidade do pão - o comércio seria questionado.

Podemos exemplificar também, como Rio de Janeiro, em que a ocorrência sobre a qualidade do produto também ocorre. Dispomos de uma fonte que mostra a irregularidade cometida na venda dos vinhos, desrespeitando-se os preços pré-estabelecidos e o valor da qualidade.

Sua magestado servido pela carta de copia nº 1 - ep - pedida em dois de Abril de 1766 - a Coonde de Cunha, Vice Rei que foi deste Estado, e públicada a som de caixas nesta cidade em 12 - de Julho do mesmo ano. Regular os preços das pipas de vinho respectivo as suas qualidades, assim em grosso como amiudo, impondo: aos que faltarem a observancia[sic] do referido apenas declaradas na mesma real ordem

Ao cumprimento de Magestado, é certo não ter faltado, pelo que lhe toca o Administrador da companhia dos vinhos do Alto Douro, observando na venda em grosso a real disposição de sua majestade. Porém também é constante, que os compradores dos vinhos, ou Taverneiros, recolhida as pipas, as casas e armazens de sua vendagem, os trasfegão[sic] com outros vinhos de má qualidade, azedume, e com feição com o que não só adulteram a sua boa qualidade, mas prejudicão inteiramente a saúde pública, e como pelo privilegio concedido a dita companhia, não pode mais tomar conhecimento de semelhante das ordens, que bastante natureza tem de furto, o vendem pelo preço que lhes parece, de sorte que já o tem vendido a razão de quatro centos reis, e de quatro centos e oitenta reis a medida [..]

Sendo os presentes repetidas queixas do povo o referido, e vendo pela real determinação de sua Majestade que a taxa dos preços respectivos as qualidades, não permitirão acrescimo onde ricição[sic], segundo as reais palavras da carta de sua majestade em que determina que os compradores, não pagarão mais que os respectivos preços nela declarados, nos pareçõ que os vendeiros pelo miúdo os não podiam exceder, regulando pelas suas qualidades⁴³.(AHU_ACL_CUJ 17, Cx. 87, D. 7671. Rio de Janeiro)⁴⁴

⁴³ Fonte transcrita pelo próprio autor deste texto. Optou-se por adequar à grafia atual.

⁴⁴OFICIO dos oficiais da câmara do Rio de Janeiro ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as irregularidades cometidas nas vendas dos vinhos pelos vendedores à miúdo, desrespeitando os preços pré-estabelecidos pelo Reino e o valor segundo a

Nesta fonte, para além das irregularidades cometidas, percebemos a desconfiança sobre a qualidade do produto, sob suspeita de adulteração nas vendas de vinhos, com um produto de má qualidade que chega a ser prejudicial à saúde. Ao administrador da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, pede-se que se marquem os vinhos sob suas respectivas qualidades. Mais uma vez vemos a qualidade sendo uma objeção. Todavia, o nosso argumento só se sustenta porque há essas objeções. Essa objeção mostra uma preocupação sobre a qualidade do referido produto. Não se sabe se há outro contexto histórico por trás dessa fonte, como uma espécie de denúncia falaciosa, ou falso testemunho sobre o produto, mas sabe-se que, ainda assim, se ataca a qualidade dos produtos para chamar a atenção. Esta verificação não é pouca coisa, e parece ser um fator tanto positivo como negativo.

Para a nossa rota terrestre, há também a preocupação em se avaliar qualitativamente as coisas. Como citamos no capítulo 1 desta pesquisa:

A descrição dos animais, por exemplo, em alguns inventários é feita com maior cuidado, com diversas divisões e subdivisões. Nem todos os inventários são assim, mas alguns dividem os eqüinos em uma diversidade de tipos, como cavalos mansos e xucros, éguas mansas e xucras, potros, éguas de cria (muar ou cavalar), burros bureiros, burros eixores, dentre outros. (GIL, 2009 p: 118)

Tiago Gil ainda nos diz:

A forma mais comum de avaliar as coisas, ao menos do que se entende na leitura da documentação, especialmente dos inventários, é classificar pela qualidade das coisas, não a quantidade. Agrupavam-se em tipos de materiais, em formas comuns. A primeira divisão é a qualidade, a segunda, a quantidade, a terceira, a medida exata ou à olho. Isso se manifesta tanto para os bens descritos nos inventários como para as terras negociadas em cartório. Mais importante que a medida é a qualidade da terra, se era usada para lavoura, se estava vazia, se eram matos, se tinha arvores frutíferas, dentre outras possibilidades. A mesma precisão qualitativa era utilizada na descrição dos bens de raiz dos inventários. A forma como os inventários post-mortem são construídos em cada lugar, tendo em conta as diferentes classificações dos bens, o grau de detalhe das descrições e as divisões e subdivisões

qualidade, solicitando que se ordene à Companhia dos Vinhos do Alto Douro que marque as pipas de vinho com observações quanto a qualidade dos mesmos.

utilizadas para hierarquizar as coisas é uma forma de compreendermos os diversos pesos e medidas adotadas em cada contexto.

Observamos, em primeiro momento, como a qualidade está presente nas avaliações que se fazem a cerca dos seus produtos. O que é lógico aqui é que esta avaliação é feita sobre animais, o que se espera que isso seja feito, mas em segundo momento, o autor nos mostra que naquele universo, a avaliação se dá pelas qualidades das coisas, em primeiro lugar. Observa-se uma hierarquia de avaliação, aonde primeiro vem a qualidade, depois a quantidade, a medida exata, e por último a olho. Como não encontramos avaliações para nossa rota, tais como a fonte citada referente ao Rio de Janeiro, não podemos dar o mesmo exemplo para "produtos" que não estes dos cavalos, mas podemos afirmar que se prioriza a qualidade antes de qualquer outra coisa. Seja para avaliações de animais ou para produtos do dia a dia⁴⁵ que poderia circular naquela rota.

É então, a intenção deste ponto, mostrar como a avaliação se dá - em sua grande maioria - primeiro sob a qualidade e depois na quantidade. Ao contrário do que se pensou em outro momento, de que a exatidão, a padronização e simetria dos pesos e das medidas fossem algo necessário para uma boa fluência comercial, verificamos que esta vem em outra importância, que não necessariamente implica nas relações comerciais, porque o que se avalia não é se a medida é correspondente, se a medida que fulano adota é diferente da de cicrano, mas sim a qualidade daquilo que se é medido. Se alguma coisa há de implicar uma relação comercial, esta coisa é implicada por sua avaliação qualitativa e não por uma preocupação de estar levando um pouco menos ou um pouco mais do produto comercializado.

Como já dito aqui, foi pensada a hipótese de que economias regionais criam suas próprias estruturas e lógicas comerciais, em que sua base principal de funcionamento seria caracterizada pela confiança. Temos no primeiro ponto do capítulo anterior, o exemplo do Manual Português indicando quais e como seriam as maneiras mais corretas de se usar determinados pesos e medidas; porém, percebe-se tanto uma regularidade em relação à este manual como também uma irregularidade quando se percebe que há medidas que diferem em seus volumes e entendimentos, como é o caso da Pipa, do

⁴⁵ Na falta de uma representação melhor, coloco o termo dia a dia para remeter a produtos comumente achados naquela rotas e que se tratam de consumo, como por exemplo o trigo, e etc.

Tonel, da Canada. Percebemos ainda no capítulo já dito - por meio dessa diferença encontrada entre a Pipa e o Tonel, principalmente - o próprio entendimento sobre o que venha ser os termos, e a forma como estes podem se confundir, assim como alguns termos se confundem em suas exatidões, criando-se assim, possíveis outros entendimentos sobre, o exemplo, o termo Pipa ou mesmo Tonel. Vimos ainda neste capítulo, como essas diferenças em termos de exatidão, e em alguns casos de conceituação, não parecem importar para as relações comerciais porque o que estaria em jogo não era a exatidão do termo do peso ou da medida, mas sim a qualidade do produto que se é medido.

Através disso, podemos voltar aqui os quatro autores em um único conjunto, e tentar chegar a uma conclusão plausível. Braudel nos mostrou que nas praças comerciais ligadas pelos laços mercantis, o comércio flui bem mesmo com os pesos e medidas agindo distintamente, que a diferenciação entre eles não é um problema para não se relacionar comercialmente. Kula nos traz algo diferente, demonstra que os laços mercantis tendem a unificar os pesos e as medidas a fim de ter uma melhor integração comercial. Para esse primeiro ponto, nós conseguimos perceber que o que traz Braudel, pode ser presenciado no nosso cenário histórico. O que mais vemos na nossa localidade e em outras - com o Rio de Janeiro - é um número bom de pesos e medidas, muitos inclusive para um mesmo produto, como o vinho, por exemplo; e igualmente uma boa relação comercial. Todavia, não se busca uma unificação, e nem há tendências para isso. Não parece nem mesmo haver uma preocupação ou mesmo o conhecimento de que há pesos e medidas que não são iguais em seus entendimentos. Não se preocupa em saber se a minha medida de pipa é menor ou maior que a sua. Interessa-se saber que estamos comercializando Pipa. É claro que é preciso saber qual medida está se adotando, afinal, é preciso que estejamos falando a mesma língua. Porém, se estou usando uma Pipa de Portugal ou uma Pipa do Rio de Janeiro, isso não parece fazer muita diferença para o comércio local. Não se acha que possa haver tentativas de se lesar alguém com esse tipo de negócio. A preocupação se dá na questão da qualidade. Como vimos para o Centro Sul da América Lusa, sobretudo, para o Rio de Janeiro e para a nossa rota, a avaliação que se faz é qualitativa em sua grande maioria e não quantitativa. Como Tiago Gil nos mostra: se formos hierarquizar tais avaliações, em primeiro vem a qualidade, em segundo a quantidade e por último a medida exata ou a

olho. Não foi encontrada nenhuma fonte que pudesse contrariar essa afirmação. O que nos parece que a lógica que tem Braudel é a lógica que encontramos aqui.

Todavia, temos de encontrar uma base que sustenta essa lógica. E a Hipótese mais plausível para isso é através da *confiança*. A confiança, que é fruto e está intimamente ligada com a sociedade e o comércio, ajuda a consolidar uma estrutura onde certas coisas deixam de ter a importância que provavelmente se teria. Os pesos e as medidas são um exemplo disso. Como suscitado, em todas as fontes analisadas, não se observa queixas, reclamações ou mesmo questionamento sobre as possíveis diferenciações dos pesos e das medidas. Na verdade, não se reconhece a existência disso. Isso porque se espera que não haja pessoas ali agindo de má fé em relação às medidas. No que, eventualmente, poderiam lesar alguém seria no âmbito da qualidade do material e não na quantidade. As avaliações são feitas nesse âmbito e colocadas à prova caso não se sinta correto, como o caso do Rio de Janeiro e as pipas de vinho.

E a avaliação qualitativa está na maioria dos casos encontrados para o nosso espaço. Tiago Gil nos mostra, especialmente, para a nossa rota terrestre, que a confiança é um fator que determina variadas práticas, dentre elas, a prática creditícia⁴⁶, por exemplo. Mostrou ainda, que, nas rotas terrestres, a maioria das condições comerciais se dava sobre a avaliação qualitativa do produto, como vimos com o comércio dos animais. Aparentemente, ninguém estaria preocupado se determinado produto está sendo pesado ou medido conforme suas medidas, se o conteúdo corresponde ao peso exato que está sendo vendido, ou se nós temos o mesmo entendimento sobre os pesos e as medidas que estamos tratando. É claro que não podia haver uma discrepância visível nas medidas, porém, ninguém está interessado em realmente medir a exatidão do produto. Se algo tinha de ser verificado, provavelmente, iriam remeter a questões qualitativas, e não quantitativas. Essas relações de confiança – medidas, sobretudo por avaliações qualitativas – nos lembra e muito a conclusão em que chega Akerlof. No fim do seu exemplo do mercado de carros usados, Akerlof demonstra como a assimetria de informações expulsa os bons produtos do mercado, baixando o nível de qualidade do que se é vendido no mercado, fazendo com que as pessoas passem a fazer negócios com aqueles com quem possam fazer uma avaliação qualitativa dos seus carros, sendo, em geral, pessoas próximas ao seu círculo social. Ora, não é este cenário que encontramos

⁴⁶GIL, Tiago. Coisas do caminho: tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780 – 1810). Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009.

aqui também? Relações comerciais mediadas, sobretudo, pela confiança, em que se permite fazer avaliações qualitativas dos produtos, afim de que não haja informações desencontradas? É claro que estamos fazendo comparações entre economias de mercado e economias mercantis, todavia, a base dessas relações parece se encontrar.

Conclusão

Em pesquisas anteriores a este trabalho, preocupava-se entender como o comércio se formava a partir do uso de pesos e medidas. Entretanto, após o trabalho massivo com fontes, leituras de outras bibliografias e a própria análise do objeto em si, foi percebido que é mais interessante olhar os Pesos e as Medidas como objeto central, e a partir dele entender como o comércio e suas relações se formavam. Aplicando essa perspectiva, abrimos um leque de interpretações a assuntos que rodeiam o nosso tema, como por exemplo, a confiança e os laços criados por uma sociedade de Antigo Regime. Infelizmente não temos fontes que confirmam com exatidão o que concluimos, todavia, assim como nas relações comerciais entre pesos e medidas, é necessário fazermos uma avaliação sobre as informações silenciadas nas nossas fontes. Portanto, concluimos que:

Os laços mercantis integrados parecem conseguir se relacionar muito bem, mesmo com os variados tipos de medidas que possam existir. Tal como nos mostra *Braudel*, essa diversidade de medidas não é um problema para relações comerciais entre os agentes inseridos nos laços mercantis. Não é um problema nas praças comerciais do Mediterrâneo e também não é um problema na rota de Viamão à Sorocaba, assim como não parece ser um problema no Rio de Janeiro. Isso porque, por trás deste cenário mercantil, atua uma rede de poder que é firmemente sustentada pelas lógicas do Antigo Regime. A exatidão ou a unificação de determinados pesos e medidas ela é pouco importante para se obter uma boa fluência no comércio, porque, afinal, o que se avalia principalmente é a qualidade e não apenas a quantidade. Ainda que eu comercialize um tonel de Portugal ou um Tonel do Rio de Janeiro; ou mesmo uma Pipa do Rio de Janeiro ou uma Pipa de Portugal, a verificação da exatidão entre eles é a última preocupação dos agentes comerciais. O que vem em primeiro lugar é a avaliação qualitativa, seja para produtos, no caso do Rio de Janeiro, como encontramos a fonte relacionada ao vinho; seja, para o Viamão, onde a o comércio de animais domina a região e na rota que se estabelece até Sorocaba.

Entretanto, porque se segue essa lógica e não o inverso? A estrutura que se consolida na América Portuguesa é baseada na sociedade corporativa, nos devidos locais sociais, na hereditariedade de poder. Os agentes sociais que atuam sobre a nossa rota exemplificam isso, quando estes, são qualificados de acordo com seu estamento

social. Capitães, brigadeiros, tropeiros, pretos, forros e outros grupos sociais que poderiam existir. Essa estrutura ela se consolida em cima de uma base que caracterizamos como *confiança*. Como nos mostra Tiago Gil, em sua tese, a confiança foi base para se criar e sustentar uma lógica do crédito que movimentara muitas tropas naquelas regiões. Esta também é base para se sustentar lógicas sociais de relações, e o âmbito comercial não deixa de estar presente nelas, uma vez que este não é alheio às relações sociais. Aqui, podemos entrar com Akerlof também. As relações comerciais se dão muito mais facilmente quando já se conhece o outro comerciante, ou se pode verificar a qualidade do seu produto. O que Akerlof diz, é muito do que presenciamos no nosso espaço geográfico, sobre tudo, na rota de Viamão à Sorocaba. Uma estrutura já consolidada onde os agentes sociais estão sempre se relacionando comercialmente, e quando necessário, a verificação da qualidade é sempre posta em cheque.

Poderíamos nos perguntar também, porque há uma verificação da qualidade, mas não da quantidade ou da exatidão dos pesos e das medidas? Não poderia ser ao contrário? Essa foi uma pergunta que permeou todo o meu pensamento durante a escrita deste trabalho. Todavia, ela me faz confirmar ainda mais a nossa hipótese. Apesar da maioria dos poderes e costumes, dos sistemas e métricas, das leis e das ordenanças virem transportados de Portugal, a América Lusa se consolida em um rumo diferente de Portugal. Ou seja, apesar de estarmos em conexão com Portugal, a América Lusa se consolida cada vez mais em si mesma, criando uma lógica própria, que não necessariamente está em conjunto com Portugal. Isto porque a padronização dos pesos e das medidas, e a exatidão dos mesmos parece ser uma preocupação de Portugal, mas não da América Lusa. *O Dicionário Universal de Pesos e Medidas* é capaz de nos mostrar um pouco disso, quando é escrito ainda em meados do século XVIII. Ao que nos parece, é sempre insistido por Portugal uma padronização dos pesos e medidas de acordo com os valores do Reino. O que, como vimos por todo trabalho, não acontece na América Lusa.

Contudo, podemos ver, cada vez mais, como a América Lusa vai ganhando corpo por si mesma e vai estabelecendo seus laços em suas próprias origens. Apesar de encontrarmos economias diferentes, para todo o Centro Sul, ao fim ao cabo os laços mercantis parecem ser estabelecidos cada vez mais por meio das relações pessoais e muito menos por medidas impessoais, como a unificação dos pesos e das medidas, por exemplo.

Bibliografia

AKERLOF, George A.: The Market for “Lemons”: Quality Uncertainty and the Market Mechanism. *The quarterly Journal of Economics*, Vol. 84, No. 3. (Aug., 1970), pp. 488-500.

BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II. São Paulo: Martins Fontes, 1983

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**: séculos XV-XVIII. Lisboa: Cosmos, 1970. 3v

FERREIRA, Simão; Companhia de Jesus: Dicionário Universal das Moedas, pesos e medidas. Portugal.1793

GIL, Tiago. Coisas do caminho: tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780 – 1810). Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009

KULA, Witold. *Las medidas e los hombres*. México D.F.: SigloVeinteuno, 1999._____. *Problema y métodos de la historia económica*. Barcelona: Ediciones Península

POLANYI, Karl. A subsistência do homem e ensaios correlatos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PALANYI, Karl. A grande Transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980. 360 p.

SIMONSEN, Roberto C: História econômica do Brasil: 1500 – 1820. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação. 2005 4º Edição

Sobre a Micro História in BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas* . São Paulo: Unesp, 1992

THOMPSON, Edward. “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII”. In: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 150-202.

Anexos

MEDIDAS PARA GRÃOS E SECOS

TABELA 2

Moio
Alqueire
 $\frac{1}{2}$ Alqueire
 $\frac{1}{4}$ de alqueire ou quarta
 $\frac{1}{8}$ de alqueire ou meia quarta
Selamin

MEDIDAS PARA LIQUIDO

TABELA 3

Tonel (2 pipas comuns)
Pipa comum (300 canadas)
Pipa de conta, no Rio de Janeiro
Almude (12 canadas)
Canada ou medida, no RJ, (4 quartilhos)
Quartilho
 $\frac{1}{2}$ quartilh
 $\frac{1}{4}$ quartilho

MEDIDAS LINEARES

TABELA 4

Légua (1/18 de grau)
Légua (1/20 de grau)
Milha Marítima (1/60 de grau)
Légua de Sesmaria (3.000 braças)
Braça
Vara
Côvado

MEDIDAS AGRÁRIAS

TABELA 5

Légua quadrada (1/18 de grau)
Braça quadrada
Braça quadrada (de sesmaria)
Alqueire Mineiro (100x100 braças)
Alqueire Paulista (100x50 braças)
Tarefa da Bahia (30x30 braças)

Palmo

Pé

Polgada

Linha

MEDIDAS DE PESO

TABELA 6

Tonelada marítima

Quintal

Arroba

Libra ou arratél (libra do comércio)

Onça

Oitava

Quilate

Marco